**Cenário é favorável para transações no Brasil e no exterior**

*Adriana Aguilar*

*Capital nacional é predominante e responde por 60% das transações*

Com um valor médio de US$ 20 milhões por transação, as pequenas e médias empresas foram protagonistas nos processos de fusões e aquisições realizados de janeiro a julho de 2010. Do total de 124 operações com valores divulgados, 94 delas - 75% do total -envolveram empresas de pequeno porte. No total, as 124 transações somaram US$ 34 bilhões, volume 34% maior do que o mesmo período do ano anterior e recorde histórico para o período, segundo o sócio da área de fusões e aquisições da PricewaterhouseCoopers Alexandre Pierantoni. "As transações nesse segmento, com baixa ou nenhuma alavancagem, caracterizam o mercado brasileiro'', afirma.

Se forem incluídas as operações cujos valores não foram divulgados, o total de transações chega a 434 nos sete primeiros meses de 2010. Incluem-se aí empresas privadas e fundos, sem obrigação de divulgar informações. O estudo da PricewaterhouseCoopers verificou-se que as 10 maiores transações, entre empresas de grande porte, somaram US$ 23,9 bilhões. As 94 transações de pequeno porte registraram valor de US$ 1,9 bilhão, resultando na média de US$ 20 milhões por operação. Todas as operações anunciadas não incluem acordos, joint-ventures e transações entre multinacionais ocorridas fora do Brasil.

O volume acumulado de negócios até julho de 2010 confirmou o bom momento do Brasil no contexto internacional. Os grupos nacionais continuam na liderança das transações, envolvendo compra de participação. Em números absolutos, o capital nacional participou este ano de 220 transações - 60% do total - número 37,5% maior do que o registrado no mesmo período em 2009. O capital estrangeiro (fundos de private equity) esteve presente em 40% dos negócios anunciados, o equivalente a 145 transações, 38 a mais do que em 2009. " Os privates equities são os grandes agentes consolidadores, principalmente, de setores ligados a consumo e varejo, educação e saúde " , diz Pierantoni.

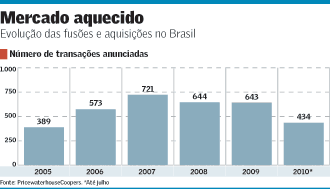
Os setores químico e petroquímico, bancos e varejo, representaram juntos 21 % das transações. No varejo, o destaque foi para os negócios envolvendo redes de farmácia e shopping centers. No setor de alimentos, com participação de 10% no total das transações, destacaram-se os segmentos de proteína animal, açúcar e álcool e produtos agrícolas. A internacionalização de grandes grupos nacionais contribuiu para esse movimento. No setor de tecnologia da informação (TI), com 9% das transações, o destaque de transações foi para os segmentos de software e sistemas de rede, segundo Pierantoni.

Já o número de consultas relacionadas à reestruturação de contratos das empresas, envolvendo todos os tipos de transações, aumentou 300% no primeiro semestre de 2010 para o escritório Velloza, Girotto e Lindenbojm Advogados Associados, comparado ao número de consultas de todo ano de 2009. Segundo Alexandre Lindenbojm, sócio responsável pela área de fusões e aquisições do escritório, os ativos do Brasil estão valorizados e apresentam perspectiva enorme de crescimento nos próximos anos. Com isso, muitas empresas familiares passaram a receber propostas tentadoras. "Elas percebem que, ao lado de grandes agentes consolidadores, poderão crescer e ganhar mais força diante da concorrência", explica Lindenbojm.

A atração dos private equities pelo Brasil deve-se ao potencial de crescimento da economia interna. Há projeções que mostram que o caixa de muitas empresas deve superar o crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) do País. Além disso, os investidores internacionais estão atentos aos investimentos programados para a realização dos eventos internacionais (Copa do Mundo e Olimpíadas), e ao aumento do número de empregos e de renda da classe C.

Do lado das pequenas empresas, setores pulverizados, com expressivo volume de empresas começam a aproveitar o bom momento do Brasil no exterior, com perspectiva de crescimento no médio e longo prazo. É uma oportunidade para as empresas locais e regionais tornarem-se nacionalmente conhecidas e até de colocarem um pé no exterior. Por enquanto, a região sudeste lidera esse movimento com 76% das transações (270 negócios) nos sete primeiros meses de 2010, sendo 72% no Estado de São Paulo, 20% no Rio de Janeiro e 8% em Minas Gerais.

Na avaliação do professor de negócios internacionais, Olavo Henrique Furtado, a consolidação de setores está atingindo a base da pirâmide, onde se encontram as pequenas empresas. " Elas precisam ganhar escala e internacionalizar-se para aumentar as oportunidades de negócios", afirma o professor e também coordenador de pós-graduação e MBA da Trevisan Escola de Negócios.



**Fonte: Valor Econômico, São Paulo, 30 ago. 2010, Especial Pequenas e Médias Empresas, p. F6.**